

Hoje tem cinema? Tem, sim senhor!

Prof. Ricardo Madureira

O Ministério da Educação, no Enem, solicita a nós candidatos que falemos sobre a importância da democratização do acesso ao cinema. De fato, o cinema é um “bem de consumo” muito importante, que quase sempre esteve restrito à elite (inclusive à elite política, em todos os escalões).

O cinema já foi mais acessível, nos anos 70, ou 80, e ficava em prédios próprios, que mais tarde viriam a se transformar em inúmeras igrejas evangélicas espalhadas pelo Brasil afora. Antes do último suspiro, estes cinemas sobreviveram por algum tempo com sessões de filmes pornográficos, coisa só admissível porque não existia mais a censura, extinta em meados dos loucos anos 80, nem ainda o politicamente correto das redes sociais hodiernas.

As salas, porém, não conseguiriam sobreviver do ramo da pornografia (supostamente tornada comercial primeiramente pelos chineses, que descobriram a pólvora e, quiçá, o fogo!) por muito mais tempo. Se fosse nos dias de hoje, as causas para sua *débâcle* seriam os inúmeros sites pornô com acesso super democratizado; mas, àquela época, o fracasso se deu talvez porque não pegaria bem um cidadão de bem ser visto entrando numa sessão de filme pornô, já que os antigos *Pathé*, *Excelsior*, *Odeon* e congêneres ficavam em regiões centrais, muito visadas. Instalaram-se neles as igrejas, exorcizou-se o demônio da pornografia e o cinema “se quedó” sepulto por longos anos. Teve que esperar ainda o fim do VHS e dos DVDs.

Para depois ressurgir das próprias cinzas, como a gloriosa Fênix mitológica! (Só que, desta vez, migrou para os shopping centers, lugares, por excelência, elitizados). Claro que o ingresso vai custar uma fábula, e se você cair na tentação de comprar um pacote de pipoca e um refrigerante, vai ter que dividir em dez vezes no cartão. Democratização de acesso? Ora bolas, os pobres que se danem! Têm que pagar o ingresso sim, para o devido recolhimento do imposto, que, invariavelmente, escoará pelo ralo da corrupção, como sói acontecer na “mui nobre” terra de Santa Cruz (que de Santa só tem a cruz).

Mas o fato é que pobre de verdade é dono da arte de dar um jeitinho, de uma malemolência, da boa e velha malandragem brasileira: faz instalações elétricas duvidosas, faz um gato na água ou na luz do vizinho (ou no dois), fila wi-fi, etc., etc, *ad infinitum*. Iam lá os pobres ficar sem seu filmezinho hollywoodiano, ó ingênuos burocratas do MEC?!

O pobre está vendo filme muito, muito antes das sessões de gala *avant première*, destinadas aos ricos, com seus espaços VIPs, com direito a champagne legítimo, afinal, gatoNET serve para que mesmo, meus amores?

Como dizia um sábio pensador contemporâneo, sabem de nada, inocentes! DISCLAIMER: NÃO, eu NÃO estou insinuando que os pobres, em sua generalidade, são malandros (só não acredito na tese oposta de que o pobre é inerentemente honesto; aliás, não acredito em nada inerente ou intrínseco, a não ser na genética). Só pra constar. Vai quê, num é? Em tempos de mordança, todo cuidado é pouco!